



mesa para dois

Flavia Guerra

CLARICE NISKIER

AOS 53 ANOS E 30 DE CARREIRA, ESTA "JUDIA-BUDISTA" CELEBRA SUA MATURIDADE COM A PREMIADA *A ALMA IMORAL*; HÁ 4 ANOS EM CARTAZ E VISTA POR 100 MIL PESSOAS

● **OA Alma Imoral é sua resposta a Dona Léa? Quem é ela?**

Um dia eu participava de um programa de TV e me perguntaram minha religião. Disse que era judia-budista. No bloco seguinte, a apresentadora leu um fax que a espectadora Dona Léa tinha enviado: "Ou você é judia ou é budista. Não existe judia-budista." Fiquei tão desconcertada que não soube responder. Na mesma hora, o rabino Nilton Bonder, que divulgava seu livro no mesmo programa, foi questionado sobre isso. E me absolveu. Disse que o budismo poderia me ajudar a entender melhor o judaísmo. Fiquei tão encanta-

da com suas ideias que fui conversar com ele. E ele me deu o livro *A Alma Imoral*. O espetáculo é uma resposta a Dona Léa.

● **Em que sentido?**

No sentido de que, como o Nilton diz, Donas Léas são importantes para a afirmação da nossa identidade. Se ela não tivesse me cutucado, talvez eu não tivesse despertado para essa questão.

● **Que questão?**

A minha desobediência às regras pré-estabelecidas. Como o livro diz, há uma traição às tradições da moral que é crucial para nossa própria sobrevivência. Ela

nos leva à liberdade. E a verdadeira liberdade é assustadora.

● **E Dona Léa nunca apareceu?**

Não. Às vezes dizem: "Sei quem é a dona Léa!" Mas ela nunca apareceu. O que importa é que me ajudou muito. *A Alma Imoral* marca minha maturidade como atriz, diretora e realizadora.

● **Você mudou nestes anos entoando um texto espiritualizado?**

Muito. Meu filho, que tem 10 anos, disse outro dia: "Mãe, acho melhor você mudar de peça porque você está ficando muito espiritualizada." Mas hoje desperdiço menos tempo. Sou mais

calma. E também sou muito grata ao budismo. Quando li o livro, estava muito longe do judaísmo. Eu o li sob o ponto de vista muito simples do budismo.

● **Já classificaram *A Alma Imoral* como auto-ajuda?**

Sim. E também já me desencorajaram. Quando decidi levá-lo ao palco, alguns amigos atores diziam que eu, que já era uma atriz madura, devia fazer os clássicos. Como assim, fazer um texto que não tem ação dramática? A grande ação que este texto provoca é dentro de nós mesmos. Talvez seja ingênua, mas ainda acho que o ser humano é viável.